

O rapaz lá estava outra vez naquela noite, e os cães não ladravam.

David suspendeu o gesto de puxar o cortinado sobre o anoitecer escuro e fitou com atenção o jardim, em baixo. O rapaz estava de pé, sob a acácia, mesmo à esquerda da cerca que separava o jardim de Hood House do pomar. A figura estava de tal forma imóvel, de tal forma se confundia com a semi-obscuridade manchada e matizada da cena, que David não saberia explicar porque estava tão certo de se tratar de um rapaz e de este ter os olhos postos na casa. Na verdade, já antes notara o rapaz vago, pouco mais nítido, dois dias antes, por volta daquela hora. Uma figura pequena, um menino, de oito ou nove anos, talvez. Por que razão nenhum dos cães ladrara?

David fechou o cortinado com brusquidão e acendeu a luz. Não tinha qualquer desejo de ir lá baixo investigar. O acto de puxar o cortinado fizera já com que o incidente parecesse irreal e sem importância. Uma sensação que agora quase nunca o largava, uma espécie de náusea e cansaço, ligeiros e dolorosos, impedia-o de se concentrar. Sentou-se pesadamente numa cadeira e dirigiu o olhar desfocado para a mancha de livros escolares, espalhados no chão em seu redor. Depois, com um movimento involuntário e evasivo, voltou-se outra vez para o cortinado e pestanejou três vezes com força.

Estivera ocupado a retirar as capas de papel de todos os seus livros. Um grande caixote de papelão continha a massa de capas amachucadas, lustrosas, resistentes e policromas que rasgara

num ataque súbito de energia irritável, revelando as superfícies brilhantes e as letras discretas e douradas dos volumes que cobriam. Não havia dúvida, os livros ficavam mais bonitos e reais sem as capas. Montague Small dissera-lhe uma vez que comemorara o quadragésimo aniversário despindo toda a sua biblioteca daquela forma.

— Um livro embrulhado está à espera de qualquer coisa — afirmara Montague.

David decidira não esperar pelo seu décimo sétimo aniversário. Pegou num livro azul escuro, fino e reluzente, e afagou-o. Catulo, Oxford Classical Text. *Excrucior*.

A dor em causa não era, contudo, o tormento do amor e, além da mãe, claro está, as mulheres ainda não constituíam um problema para David. Visitavam-no angústias eróticas incandescentes, altamente localizadas, que aliviava (com repugnância mas sem culpa) na privacidade do quarto. Sonhava com uma Miranda, mas até ali não surgira nenhuma e a vida exclusivamente masculina da sua escola diurna era destituída de objectos de amor. A sua angústia era mais obscura, uma espécie de medo de nunca conseguir ser uma pessoa a sério. Sentia-se obscenamente amorfo, globular, uma criatura em metamorfose arrastando o casulo que a prende ainda. Até mesmo os seus terrores eram embotados e sem vitalidade, não estimulavam. A lassidão e a repugnância tornavam tudo bafiento.

David era um rapaz enojado. As bocas vermelhas e molhadas dos cães ofendiam-no, bem como a visão da mãe a sorrir para aquela fileira de comedores barulhentos e babados. Reparava na forma como, às refeições, as coisas caíam do garfo e até dos lábios do pai: o pai cuja face agora enrubescia após um segundo copo de vinho. Os espasmos involuntários do corpo, o seu interior húmido e viscoso, inspiravam horror. Beijos despudorados no cinema faziam-no virar a cara. Se tal fosse possível, teria deixado por completo de comer, ou comeria apenas em privado, apanhando fragmentos secos e pequenos com os dedos. A menor sujidade e desarrumação na cozinha davam-lhe náuseas. A mãe a lambe uma colher, usando-a em seguida para mexer a comida.

Pisar coisas gordurosas com os pés. Os cães empestavam o jardim, por muito que a mãe o limpasse, e por vezes dentro da própria casa um cheiro execrável destruía o apetite e a tranquilidade. Nem sequer eram animais muito simpáticos. Uma leitura precoce de *O Cão dos Baskervilles* fizera-o ter medo de cães. Só que, claro está, não contava isto a ninguém.

Naquela noite sonhara com um peixe azul, enorme, debatendo-se na rebentação das ondas, mesmo à beira-mar. Quando este desviara a boca aberta, a gotejar, vira que a cauda era metade de uma rapariga de pernas compridas e agitadas. Acordou horrorizado ao som de um cão a uivar. Em pequeno contara tantas vezes os sonhos ao pai, que era como se este ainda deambulasse, inquiridor, no seu mundo onírico, mais co-espectador que habitante. No último ano abatera-se um silêncio abençoado entre ambos sobre quase todos os assuntos. Após ter tido aquele sonho, ficara estendido, sem dormir, atormentado por imagens, rostos que se impunham aos olhos fechados. Muitas vezes fora o rosto de Cristo, suspenso mesmo diante dele como sobre um véu, de uma beleza espantosa, transformando-se gradualmente numa máscara escarvinha. Cristo era um problema para David. Em tempos a oração fora um vício, mas agora a presença deste Amigo intruso e ubíquo quase assumia as proporções de uma alucinação. Porque lhe teriam incutido uma crença tão estranha quando era demasiado jovem para se defender dela? E de que modo a fé vaga e suave da mãe, combinada com o Anglicanismo moderado da escola particular que frequentava, tinham gerado nele as superstições secretas próprias de um escravo da esfregona e do cortador de relva? Aquelas conversas frenéticas com Deus tinham dado lugar a rituais estúpidos e compulsivos. Em tudo isso havia uma intimidade malcheirosa relacionada com a mãe, com o joelho dela, efusões de uma familiaridade ridícula oferecidas a uma divindade desprovida de dignidade, de austeridade, desprovida até de mistério, limitando-se agora a provar como era horrivelmente difícil uma pessoa ver-se livre dela.

Enquanto se dirigia para a porta, viu-se no espelho comprido que a mãe insistira em instalar. Olhou para si próprio, para a fi-

gura esguia e face de longos caracóis e olhos azuis. O cabelo, à nascença cor de trigo, ainda era de um dourado claro. Sem corte, comprido, caía-lhe sobre os ombros num indisciplinado esplendor pré-raphaelita. Olhou para a sua magreza, o seu porte erecto, o seu asseio. Era um ser sozinho, pensou, um solitário, sê-lo-ia sempre. Em breve seria um *homem*. Pronunciou a palavra para si próprio, como quem diz um grifo, uma quimera.

Em seguida, sorriu perante esta imagem, achando-a de súbito ridícula. Sempre se imaginara como o Discípulo Bem-Amado.

Harriet Gavender (nascida Derwent) também vira o rapaz. Só que, no caso dela, fora a primeira vez que o avistara. E, também ela, reparara no silêncio dos cães. Ao sair, tranquila, até à luz crepuscular do solstício de Verão que banhava a quietude do jardim para aspirar o cheiro intenso a pólen do ar silencioso, vira a figura pequena, perfeitamente imóvel, mesmo junto à cerca do pomar de Monty, confundindo-se, quase, com o tronco escuro da acácia. Harriet estacou no terraço pavimentado e um temor imenso invadiu-lhe o coração. Porquê? Decerto não havia nada a recear de uma criança inquiridora que entrava sem autorização. Lembrou-se então de um sonho que tivera na noite anterior. Sonhara que estava no quarto, na cama (só que Blaise não se encontrava com ela), e que tinha acordado no escuro para ver uma luz estranha brilhando à janela. Isto não é sonho algum, disse para si própria enquanto, assustada, se levantava para espreitar para o exterior. Lá fora, mesmo junto aos ramos de uma árvore, estava a origem da luz, a face radiosa de uma criança, apenas o rosto, ali suspenso e a olhar para ela. Voltou de imediato para a cama, a correr, encolhendo-se sob os cobertores, pensando com grande horror: e se aquela cara viesse até à janela, e olhasse para mim?

O sonho, que só agora recordava, pareceu ofuscá-la por um momento e, desviando a cabeça em direcção à fachada sombria

da casa, viu, de súbito, o rosto indistinto do filho à janela do quarto obscurecido. David também pousava o olhar sobre o jardim, vendo o mesmo que ela. Não reparou na mãe. Passado outro instante fechou o cortinado todo e atrás acendeu-se uma luz intensa. Harriet olhou de novo para o fundo do jardim. Todo ele parecia ter ficado muito mais escuro. O rapaz desaparecera. Um morcego apropriara-se sem ruído do espaço que se interpunha, um fragmento quase imaterial, ondulatório e esvoaçante da escuridão invasora. Por um minuto pensou, teria a criança, na verdade, sido uma aparição, um visitante perdido que transpusera a fronteira de outro mundo? Ou fora ela que imaginara aquele observador pequeno e silencioso? Sou tão estúpida, pensou. Trata-se apenas de um rapaz, não é nada.

Avançou um pouco no relvado, respirando fundo e suspirando. Uma rola-turca gemeu uma vez na luz derradeira. Reclinando-se na sebe grande de buxo, uma rosa cor-de-rosa cintilava com uma luminosidade eléctrica contida. Um melro, tentando metamorfosear-se em rouxinol, deu início a uma canção apaixonada e complexa. Os pássaros cantam tão mais cuidadosamente ao fim da tarde. Os campos imensos de nuvens tinham-se esbatido por detrás das copas irregulares das árvores do pomar, cuja silhueta era tão familiar a Harriet que mais parecia estar a pensá-la do que a vê-la, e o céu esmaecera para uma espécie de branco-escuro sem luz, coberto por um tule de cinzento, cor que manteria toda a noite. Era Verão. Na verdade, a noite mais curta do ano, pensou Harriet. A ideia ocorreu-lhe, acompanhada por uma sensação amarga e doce de passagem do tempo. Como ela apreciava o desfile lento do ano inglês e como era triste, também, com o seu acumular crescente de recordações. O pensamento voou-lhe até o passado, aos bailes de Verão da sua juventude quando, num mundo que desaparecera por completo, dançara toda a noite nos braços de tenentes ágeis.

Na casa de Monty acendera-se uma luz, obscurecida pelas árvores mas brilhando através delas. Harriet andou até à vedação e olhou para a luz. O que estaria Monty a fazer naquele momento? A lastimar-se? A chorar? Será que não queria mesmo receber vi-